5.º ANO — LISBOA—SEXTA-FEIRA, 28 DE AGOSTO DE 1925 — N.º 1346

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 30 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO { Rua da Rosa, 57, 2.º Telefone: 1:470 C.
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 48
TELEFONES { Direcção: T. 195 Redacção: T. 319
Endereço telegrafico: DIBOA

UMA INICIATIVA DO "DIARIO DE LISBOA„

A primeira festa
DOS MERCADOS
DA CIDADE DE LISBOA

Quando nós, de manhãsinha, nos voltamos para o outro lado, quando nós, mandriões do espirito, nos levantamos da cama muito á pressa, muito á pressa—já são dez horas do dia—já a vida dos mercados principiou, já a vida dos mercados vai alta.

E' por isto que nós não conhecemos os mercados—os deliciosos, bizarros, opulentos, saudaveis, mercados de Lisboa.

Por isso nos admiramos dos escritores antigos, que falavam dos mercados e das feiras como se fala dos museus.

Lá fóra, de facto, o mercado é um museu de naturezas mortas—vivas ainda na sua frescura e encantamento.

De cidade europeia não se sabe de nenhuma que em tempos antigos fôsse mais mercado que Lisboa. Mercado de preciosidades e de hortaliças. Mercado de panos e de especiarias. Mercado de opulencias ouro, e de opulencias frutos.

E se hoje perdemos muito em opulencia, mantemos—áquem da civilisação, deve dizer-se—muito em pitoresco, caracteristico, galeria de tipos, policromia de vestes, ruido de gentes.

Depois do terremoto acabou o «pandemonium» do Rossio. E levantou-se a Praça da Figueira, mais tarde, 1882, guarnecida e coberta.

E agora, a tradição vive, plena de graça e de espirito popular, nos 15 mercados agricolas e de peixe.

São os frutos todos, as hortaliças, as carnes e aves, os peixes e ovos—as flores, as flores do campo e as flores da cidade.

E são as mulheres, as ovarinas de talhe e fronte ligurica, as saloias cheias de pitoresco, as vendedeiras, tornadas lisboetas, e vindas de todo o país.

* * *

Chamamos para os mercados a atenção da cidade. São tipos e costumes nossos. São habitos antigos e costumes teimosamente conservados. Ha neles etnografia e folklore.

Já Fialho reproduzia da alegria de um mercado de peixe, pela bôca do José Môço:

Rapazes e raparigas
não se ponham a chorar;
quando a *alfacia* se casou
ninguem fica por casar.

Prestigio á fruta, prestigio aos montes de feijão verde, prestigio á molhada de cravos, prestigio á galeria de peixes prateados e vermelhos, prestigio ás coisas humildes—que custam os olhos da cara, vá lá a nota economica do orçamento domestico—, prestigio á graça, ao plebeismo orgulhoso, ao encanto do mercado!

Como se faz em Paris, Bruxelas, Madrid, Bordeus, Rio de Janeiro—eleger-se-ha a Rainha dos Mercados de Lisboa, depois de os 15 mercados citadinos darem os seus elementos de graça e aprumo, de donaire e mocidade.

Faremos concursos de trajes e de apresentação; daremos premios aos melhores e mais lindos lugares de fruta, flôres, peixe, aves, hortaliças.

E ao cabo, procurando estimular o bom gosto nessa vida matutina e utilissima, facilitaremos a acção camararia, que quere aformosear os mercados, acoberta-los, torna-los limpos, claros, sugestivos.

Vamos trabalhar um pedaço com o concurso de todos. E' iniciativa do *Diario de Lisboa*, mas deve ser obra de toda a imprensa. Os vereadores não podem sentir-se melhor acompanhados, e a Cidade vai ter uma primeira festa, que não leva nada de especulativo com ela, e é uma verdadeira e sugestiva Festa da Cidade.

Grande Comissão Organisadora

Presidente:

Dr. Sebastião da Costa Santos, presidente da Camara Municipal.

Vice-Presidentes:

Columbano Bordalo Pinheiro, artista insigne, director do Museu de Arte Contemporanea.

Dr. José Leite de Vasconcellos, etnografo notavel, professor, director do Museu Etnologico.

Vogais:

Alberto de Sousa, artista pintor.
Albino Abranches, secretario do ex.mo governador civil.
Alexandre Ferreira, vereador.
Alfredo Ascenção Machado, arquitecto municipal.
Alvaro de Andrade, jornalista.
Aquilino Ribeiro, escritor.
Augusto Pina, scenografo e artista pintor.
Dr. Caetano Beirão da Veiga, vereador.
Carlos Simões Torres, procurador da Junta Geral do Distrito.
Chaby Pinheiro, professor da Escola da Arte de Representar.
Conde de Mafra, dr. D. Tomás de Melo Breyner, vereador.
Conde de Santar, D. Pedro Paulo de Melo, director-delegado da Companhia do Mercado da Praça da Figueira.
David da Silva, presidente da Associação dos Vendedores de Viveres a Retalho.
Eduardo Schwalbach, director do «Diario de Noticias».
Joaquim Fernão Pires, vereador do Pelouro dos Mercados.
Dr. Joaquim Manso, director do «Diario de Lisboa».
Gustavo de Matos Sequeira, escritor e jornalista.
Tito Martins, sub-director d'«O Seculo».
O Representante da Associação dos Vendedores de Produtos Agricolas e Horticolas.

Uma varina
irmã das que vivem nos mercados
vista por uma senhora estrangeira

O Representante da Associação dos Vendedores do Mercado da Praça da Figueira.
Pedro Bordalo Pinheiro, jornalista—**secretario geral.**

Comissão de Estetica e Concursos

Alberto de Sousa, artista pintor.
Alexandre Ferreira, vereador.
Aquilino Ribeiro, escritor.
Artur Portela, jornalista.
Stuart de Carvalhais, caricaturista.

Comissão Executiva

Joaquim Fernão Pires, **presidente**, vereador dos Mercados.
Albino Abranches, secretario do ex.mo governador civil.
Carlos Simões Torres, da Junta Geral do Distrito.
Norberto de Araujo, jornalista, **secretario.**

* * *

Iremos dando aos leitores os nomes das comissões auxiliares que se formarem, e de que farão parte ilustres emprezarios teatrais, outros artistas, escritores e jornalistas, e elementos das dedicadas Juntas de Paroquia, com as quais contamos.

* * *

A gravura que reproduzimos hoje é desenho da Madame Anne-Cherie Charles de Bragança.

A. T. S. F.

Uma carta

Do sr. Alfredo dos Santos recebemos a seguinte carta:

Sr. Director: — Usando pela primeira vez da benevolente hospitalidade que os leitores do seu apreciado jornal encontram sempre junto de V., e conhecendo antecipadamente a indole do «Diario de Lisboa» sempre pronto a pugnar por tudo o que é de justiça, tomei a liberdade, que V. perdoará, de lhe enviar a presente carta.

O seu motivo principal originou-o a recente ordem de apreensão dos postos emissores de telefonia sem fios existentes em Lisboa, medida contra a qual desejo levantar o meu protesto legitimo como cidadão de um paiz com pretensões a civilisado.

A telefonia sem fios, ultima maravilha da sciencia electrica, logrou alcançar, em todos os paizes cultos, mercê do esforço e do estudo de sabios ilustres e engenheiros distintos e de simples entusiastas, um grau de desenvolvimento que faz prever num futuro muito proximo, como V muito bem disse num dos ultimos ecos do «Diario de Lisboa», que ela venha a desempenhar nas relações internacionais dos povos e na difusão dos conhecimentos humanos um papel porventura superior ao que a imprensa actualmente desempenha.

São provas flagrantes desse desenvolvimento as centenas de proezas realizadas em radio-telegrafia e telefonia por simples amadores entre as quais avulta a de um amador francês que conseguiu com um pequeno posto particular, atingir a Nova Zeelandia, — a 21.000 quilometros de distancia.

Portugal como não podia deixar de ser para não fugir á regra habitual, marcha sob este ponto de vista na cauda do movimento em questão, completamente absorvido pelas suas questiunculas politicas, sem se aperceber dos resultados admiraveis até agora conseguidos.

Apenas como demonstração de que ha ainda quem não se desinteresse por assuntos desta natureza existem em Lisboa uns minusculos postos emissores, agora apreendidos, montados á custa de muito sacrificio, filho da muita carolice dos seus possuidores, sem esperança de outra compensação que não fosse o... vexame que agora sofreram.

Os seus proprietarios, pessoas de reconhecida probidade moral, estão muito além de qualquer suspeição, e era, portanto, do mais elementar dever antes de se tomarem medidas vexatorias, indagar da realidade dos factos e nunca proceder por simples presunções que só uma ignorancia crassa de maneira como se tem feito a telefonia em Lisboa, póde explicar.

Alega-se que estes postos funcionavam sem autorisação, o que já se provou ser falsissimo.

Se realmente não funcionavam á sombra dum regulamento a culpa cabe inteiramente ao Estado que ainda não teve tempo de os elaborar.

Mas que, por uma razão de desleixo nacional se ponham entraves ao desenvolvimento e á continuação dos estudos da radio-telefonia em Portugal, é o que me parece inadmissivel.

A não ser que haja interêsse em que Portugal continue sendo rotulado como um paiz de meia duzia de milhões de ignorantes.

Agradecendo a publicação desta carta sou de V., etc., *Alfredo dos Santos.*

A CIVILISAÇÃO HOLANDEZA

As casas dos pescadores EM HAIA e a sua higiene e disciplina

Visitei na Haya, em Scheveningen, o bairro dos pescadores, acompanhada por uma das inspectoras da «Inspecção Central das Casas de Habitação».

Do velho bairro já relativamente pouco subsiste, pois que foi adquerido pela Camara Municipal que vae demolindo e edificando com bastante rapidez. Além do terreno em que havia o bairro velho, comprou a Camara outros terrenos em que novos e belos bairros se vão levantando. Ha dez anos tinha edificado 60 casas, hoje tem 60.000.

Essas casas são alugadas a pescadores e a operarios.

Cada bairro tem uma média de mil casas, e uma Inspectora ali residente, que recebe as rendas, pagas ás semanas, que atende reclamações ou pedidos, que vigia se os inquilinos mantem as casas convenientemente limpas, se conservam separados os quartos das creanças de sexo diferente, se não fazem desordens com a visinhança, etc.

Qualquer falta que perturbe os fins de higiene, disciplina, moralidade, para que os bairros foram edificados é motivo para que o inquilino seja despedido.

Na Holanda a liberdade de independencia individual é muito grande, menos no que essa liberdade de independencia possa ferir a colectividade.

Estas casas compõem-se de rez do chão com um quintalinho e de primeiro andar com um sotão. Os rez do chão são destinados a familias de casados recentes, ainda pouco numerosas; os primeiros andares, a que o sotão acrescenta mais quartos, alugam-se a casaes que já tenham bastantes filhos.

As casas são arejadas, soalheiras e todas as divisões com janela. Os quartos não são amplos, o que se explica, num país frio, em que isso não se torna sensivel.

A edificação é, como quasi todas na Holanda, em tijolo, que nenhum reboco ou pintura disfarça, com a sua côr vermelha, alegre, mais escura ou mais clara conforme o numero de anos passados. Na sua linha exterior as casas seguem o traço moderno, direito, banal, sem pitoresco e sem graça. O aspecto conserva-se, porém, agradavel pela côr vermelha das paredes, pelos vidros grandes, reluzentes das janelas, com as habituaes cortinas muito brancas, pelas pequenas portas de entrada, cuidadosamente envernisadas e com o seu postiguinho gradeado.

Para poder estabelecer a comparação, visitei uma casa de pescadores do antigo bairro. Era habitada por uma viuva, que tinha perdido o marido no mar, num barco casualmente destruido pelas minas. Tinha 6 filhos a pobre mulher, sendo o mais velho já pescador. A casa era pequena, muito modesta, com uma salinha aceada e reluzente e quartos acanhadissimos para tão numerosa familia. Brevemente seria demolida essa casa, mas a viuva assustava-se com a diferença da renda, pois na Holanda o pescador vive menos desafogado que o operario.

As casas edificadas ultimamente custam 3 a 4 florins por semana, subindo as melhores, habitadas por operarios, a 6 florins.

As casas velhas, que estão em peores condições, podem custar 2 florins. Precisamos de revar em conta que o florim não tem o valor leal que o nosso cambio lhe dá.

Visitei depois uma casa do bairro moderno, habitada por um pescador aposentado, pela mulher e por 18 filhos! Apesar da casa ser ampla, parecia pequena para tão numerosa familia. Na sala havia o grande e brunido armario holandez, onde se guardam as roupas melhores. Uma estante sustentava uma grossa Biblia, junto dum pequeno «harmonium» onde o velho pescador, ou algum dos filhos, acompanhava o cantico dos Salmos.

Os armarios das cosinhas prendem a atenção pela ordem e aceio com que se alinham as louças, as latas do café, do chá, do assucar .. As chaminés limpissimas, com os seus fogões e fogareiros de gaz.

Entrei, tambem, no rez do chão dum pescador, de familia ainda resumida, 3 filhos apenas.

Havia nesse mais desafogo. As cortinas tinham rendas e além das cortinas «stores». No corredo, ruma passadeira de juta e rodapés envernisados. Os quartos mais cuidados, embora pequenos. E' de crer que para o pescador holandês esses quartos pareçam grandes, pois que não ha muitos anos (e ainda hoje nas aldeias tipicas) lhe bastava para dormir um armario.

Nesta casa aparece-nos o pescador, forte, cara rapada, olhos claros, ar energico, vestido de preto e uma filhita de oito anos, loirinha, rosada, bibe de algodão, botas amarelas e uma fita de seda no cabelo.

Visitei ainda uma casa de operario e nessa já havia «luxo», ou o que nós, aqui, consideramos como tal, nas familias modestas. Na casa de jantar, aparadores, faianças, «carpette» e vasos de plantas, chão encerado; nos quartos camas de madeira. O quintal bem arranjado, como um jardinsinho. A dona da casa de blusa clara, e o marido, que aproveitava em casa as suas horas de descanço, estava com um correcto jaquetão e colarinho engomado.

A «Comuna» ainda ha pouco tinha feito uma exposição de moveis baratos, para facilitar ás classes trabalhadoras o gosto e o conforto de mobilarem convenientemente as suas casas.

Na Holanda, pensa-se constantemente no bem colectivo. Nunca vi país em que se pratique o socialismo com mais ordem e dignidade. De Portugal, tanto «governados» como «governantes» tinham que aprender ali.

Mostraram-me, por fim, um edificio em que se alugam casas a velhos casais sem filhos, ou isolados porque os filhos tenham casado ou morrido. Obtêm, por dois florins, um bom quarto e uma cosinha. O edificio é dentro de um parquesinho onde podem passear sem sair á rua, e como não têm meios, nem grande possibilidade de distrair-se, dão-lhes, nesse parque, uma ou duas vezes por semana, musica das 7 ás 9 da noite, encantando-os com belos concertos. Abençoada terra!...

Maria de Carvalho

Mundanismo

Aniversarios

Fazem amanhã anos as senhoras:

D. Maria Helena de Castro e Silva de Bessa Pinto, D. Maria Augusta Wandschneider de Mesquita, D. Maria João José da Costa Feyo Folque, D. Maria Domingas José da Costa Pinto Feyo Folque, D. Maria Avilez de Melo e Castro, D. Ema Lopes Monteiro e D. Maria Lima Rego e D. Celeste Boal da Silva.

E os srs.:

Manuel Falcão Costa Pinheiro de Azevedo Velho de Barbosa e Bourbon (Azevedo), Fernando Enes Ulrich, José Alvaro de Sá Nogueira de Melo.

A caridade

No Parque da Gandarinha

Reuniu ontem em Cascais, em casa da sr.ª Viscondessa dos Olivais, a comissão organisadora das grandes festas de caridade, que vão realisar-se com grande brilhantismo nos dias 5 e 6 do proximo mez, no explendido Parque da Gandarinha.

Procura a ilustre comissão que o programa seja o mais atraente possivel. O local não pode ser mais pitoresco e apropriado á quermesse e outras diversões em projecto, tudo indicando que o parque Gandarinha seja nesses dias o ponto elegante das familias que se encontram em Cintra, Estoris, Cascais e outras praias proximas.

A comissão organisadora destas lindas festas pertence, além da sr.ª Viscondessa dos Olivais, as senhoras: Condessa de S. Lourenço, da Ponte, Condessa das Galveias. D. Tereza de Melo e Castro de Vilhena, D. Mariana Avilez, Baroneza de Almeida Santos, D. Izabel de Melo Almada e D. Maria Augusta Forjaz Trigueiros.

Casamentos

Regressou de Olhão, onde foi pedir em casamento para seu filho Gastão Horta e Costa, a sr.ª D. Maria Eduardo Ponsão Pereira de Figueiredo, gentil filha da sr.ª D. Maria Julia Ponsão Pereira de Figueirado e do sr. Eduardo Augusto de Figueiredo, a sr.ª baronesa da Areia-Larga, devendo o casamento realizar-se no proximo mês.

—Pelo sr. Francisco de Almeida Soares e Simas foi pedida em casamento para o sr. Etelvino de Assunção Carvalho, a sr.ª D. Cristina Garcia Braga, interessante filha da sr.ª D. Tereza Garcia Braga e do sr. Fausto Braga.

Pontos de reunião

Agenda

Hoje a nossa primeira sociedade dá «rendez-vous» no Eden, onde com a fina revista «Cidade onde a gente se aborrece», do nosso camarada na imprensa André Brun, se realisa uma recita extraordinaria dedicada aos heroicos aviadores do «raid» á Guiné, devendo resultar mais um elegante ponto de reunião.

Em viagem

Partiu para as Caldas da Rainha o sr. Lourenço Caiola.

—Seguiu para Royat (França) a sr.ª D. Aurora de Macedo.

—Partiu para as Caldas da Felgueira o sr. Barão de Santa Comba Dão.

—Partiu para a Parede a senhora D. Oliva Guerra.

—Está na Povoa de Varzim, ido de Guimarães o sr. João Rocha dos Santos.

—Encontra-se em Lagares da Beira o sr. Rui Couceiro da Costa.

—Partiu para Entre os Rios o sr. padre João Manuel Vicente.

—Seguiu de Torres Novas para Alpalhão o sr. Antonio Amaro Caldeira Canelas.

—Encontra-se em Lisboa o sr. Conde da Ervideira

"Bal-Tabarin"

O belo salão da rua da Gloria continua em pleno exito

Falar no «Bal-Tabarin» é falar na arte, no bom gosto, na comodidade e na alegria. Cada vez os seus creditos se firmam mais. Novas estreias de notaveis artistas se esperam brevemente; estando a terminar o seu contrato a gentilissima «tonadillera» Estrela Castro—«Estrelita»—que, como dissemos, anda ensaiando outras lindas e sentimentais canções. Além desta, Gloria Castro, Matilde e La Móra formam um conjunto harmonico, de incontestavel agrado publico. Os espectaculos do elegante «cabaret» da rua da Gloria impõem-se pelo seu valor e são dos mais agradaveis de Lisboa. Basta-lhes Estrela Castro, que, apesar de joven, é uma artista consagrada. O serviço de «restaurant», cada vez mais esmerada.

CARTAZ

TEATROS

Apolo=A's 21,15=«O Conde de Monte Cristo».
S. Luis=A's 21,45=Luta feminina e variedades.
Politeama=A's 21,30=«O Leão da Estrela».
Eden=A's 21,30=«A cidade onde a gente se aborrece».
Salão Foz=A's 20,45=Variedades e cinema.
Bal-Tabarin=A's 21=Variedades.
Salão Alhambra=A's 21=Variedades.

ANIMATOGRAFOS

Tivoli=Avenida da Liberdade.
Olimpia=Rua dos Condes=«Matinée» e «soirée»
Chiado-Terrasse=Rua Antonio Maria Cardoso.
Cinema Condes=Avenida da Liberdade.
Salão Central=Praça do Restauradores
Salão Ideal=Rua do Loreto.
Cinema Gil Vicente=A' Graça=Domingos, Segundas, Quartas e Quintas.
Cine-Paris=Rua Ferreira Borges.
Salão da Promotora=Largo do Calvario.
Salão-Rocio=Rua do Arco do Bandeira.
Cinema Belem=Rua Paulo da Gama.
Cine Tortoise=Campolide=Quartas, quintas, sabados e domingos.

CINEMA CONDES

HOJE E SEMPRE

Os melhores programas
O melhor concerto

Em breve grandes exitos

O conde de Charolais
2 jornadas por Eva May

Lutas de ambição
15 episodios por William Duncan

A's Senhoras

Capsulinas, para tratamentos varios, anemia, etc., sistema estrangeiro. Calçada da Estrela, 13, 1.º Esquerda

As ourivesarias
da firma PEIXOTO, PINHEIRO & MAIA L.da
Rua da Palma, 14 e 16
Rua da Boavista, 22
e da firma PEIXOTO, MAIA & PINHEIRO, L.da
Rua de S. Paulo, 31
Rua de S. Paulo, 114
são as que mais se limitam
Telefone Central 1322
Telefone Norte 5117

Toda a dama que usa dom
Bebe agora só BEM-BOM

Acumuladores electricos
«ACCU-WATT»
Para automoveis e T. S. F. Cargas e concertos. Empreza Comercial de Maquinas e Electricidade Ltd.ª, Rua da Palma, 225 a 235 Telefone Norte 3580.

Manteiga finissima marca sem rival
Recebida directamente, em latas de 1, 1/2 e 5 quilos. Grandes descontos aos revendedores. A. de Brito L.da. Praça dos Restauradores, 13, 3.º, porta 87. Telefone N. 3300.

Dr. Medeiros d'Almeida
Cirurgião dos hospitais
Doenças dos olhos — Cirurgia
Consultorio: Av. Liberdade 121, 1.º, ás 3 h.-Telef. 908 N
Policlinica: L. Conde Barão, 12, 2.º ás 5 h.-Telef. 1902-C

Lanificios nacionais
FATOS ECONOMICOS
Desde 270$00
VICENTE VINAGRE
Arco da Bandeira, 249, 1.º (perto do Rossio)

NOVIDADES LITERARIAS

Do livro «Certas almas...»

de M. Duarte Lopes

transcreve-se um trecho do primeiro capitulo

Era um tipo de boémio, elegante e rijo, e possuia um cadastro de mil conquistas breves...

Mas, a despeito do comentario forte, o sexo fragil parecia perdoar ao feroz lôbo — que vestia ardis para trincar as ovelhinhas tenras.

Esse perdão era oferecido com gentileza e risos: — o masculo perfil, desempenado e airoso, era seguido de tremulas pupilas que dardejavam tremulos anceios.

Cumpre a apresentação do heroi: — Lorjó Rino, repesentante do Kower & Tung, de Hong-Kong, firma conhecidissima de todos os centros importadores de maquinaria perfeita e sólida.

Novo e só; alto e elegante; facil de insinuar-se e dificil de se fixar...

Zangão que adeja, zune, sorve e parte — Adonis perseguido que foje á tentação da Venus.

O seu perfil imperturbavel, indiferente, passa em direitura ao quarto andar da Pensão, e vai remoendo um velho tema — o da fragilidade feminil.

Velho tema a que ele arrancava optimismos, alegria, imaginação! Assim, nos bailes intimos com que certas donas visinhas condimentavam as monotonias da existencia, o Rino não deixava de ser convidado...

E bem sentia a espicaçá-lo os cupidos dardos, os olhares das ninfas cancanistas que, não contentes do prazer da vertigem, procuravam enredar nos liámes da sua ternura aquele que lhes despertava os corações em ansia.

Mas, ele couraçara o peito de uma vontade forte. E despejava afoito um madrigal trocista, cofiava impávido o bigode negro, despertava o ciume escolendo, em cada «valsa», um par diferente não raras vezes se sumia, sem o mais leve gesto de etiqueta.

E' que ele tinha amores no Bairro...

A habilidade de que fôra necessario lançar mão para ocultar «a duplicidade de um grande afecto», precavida, ardilosa, subtil, tornava-o um Machiavel diabolico que na sombra e em silencio agisse.

Diziam os seus labios amar a ambas. Diziam-no com entonações de sinceridade, com vibrações de paixão — ¡ e o seu rosto não empalidecia nem se perturbava ante elas!

A Branca, filha unica de um velho escrevente da Fabrica de Armas, oriundo de distinta familia empolgada pelos revezes da sorte, que a empobreceram, era digna, recta, bondosa, mas fremia á menor suspeita; a outra, Lina de Albuquerque, preciosa bem falante, sabendo um pouco de francês e harpa, fátua e doida, comica nas suas exigencias, ridicula nos pretensos requintes da frase, calcando os «érres», e dizendo-se neta do grande Albuquerque, desmaiava de zelos se a feição do requestador se não abria em sorrisos ternos ou em palavras dôces.

A Lina tivera, a custo, uma educação de sala; e numa sala brilhava um pouco, dedilhando a harpa ou tocando, ao piano, a sua série extensa de fados deliciosos, aprendidos de cór.

O pai era oficial no Ministerio do Exterior, consul honorario de Budapest, e ostentava, sempre que podia, mesmos nos bailes de quaisquer Pires, a comenda berrande da Ordem do Leão Rubro com que o agraciara o «negus», a quem, numa contingencia critica, atara o nastro das sandalias.

Fôra assim o passo:

No Ministerio recebera-se noticia da chegada da estranha personagem.

Dizia-se que o transatlantico inglês que o conduziria á India, em visita ao paiz de sonho de um «rajah» dilecto, seu companheiro, em Londres, no Colegio de Lord Brown, demorava umas curtas horas no nosso estuario.

O Governo fizera-se representar á chegada — e, na Camara fausta do bronzeo monarca, trocaram-se, á pressa, breves cumprimentos, num inglês mesclado.

A fugaz recepção teria um motivo: O «negus», encantado com o panorama citadino, desejou soberanamente visitar Lisboa.

Imediatamente o sequito se inclinara ao seu desejo imperial.

E o gazolina de bordo, forrado prestes com colgaduras do Oriente, logo aguardou donairoso o transporte dessa majestade exotica dum paiz mais exotico ainda.

Em breve descia solenemente a escada do portaló, acompanhado dos ministros bronzeados e respeitosos, sorridentes ao soberano e aos representantes das autoridades lusas.

Mas — ai! —a majestade escura tropeçara, estatelara-se; e mergulharia na agua cristalina e bonançosa do Tejo, se um forte braço lhe não valesse.

Imperturbavel ,a imperial visita erguera-se, sorrindo com diplomacia.

Alguem lhe apanhara a ampla capa azul que motivara o desastre, outro lhe compunha o turbante de sêda, de bordados aureos, outro lhe sacudia, suave e lijeiro, a mancha branca de poeira fina...

Então, o representante português ajoelhou serviçal — e, descalçando a luva de «suède» caro, atou vagarosa, ritualmente, a fita de linho e sêda da sandalia rica, de setim e oiro, que, na queda, se desapertara.

O «negus» sorria sempre, satisfeito; e agradecera numa vénia de cortezão em palacio.

E fôra assim que o obsequioso diplomata Rui Sande e Albuquerque conseguira a ostensiva venera.

O feito dera-lhe a comenda dum paiz rudo e fervente, tão desconhecido como o proprio condecorado.

E, desde essa hora, do chefe ao continuo, na Repartição do Ministerio chamavam-lhe, intimamente ironicos, o «senhor Comendador Albuquerque».

O titulo, porém, não lhe satisfazia plenamente a vaidade; e exijira, em casa, á unica serva de possivel mantença, que antepuzesse ao seu nome o «dom» que ilustrava, desde vetustas eras, toda a pretendida ascendencia nobiliarquica...

E assim se fez; se bem que se murmurasse serem os Albuquerques dele uns tristes e laboriosos loiceiros da rua do Arsenal.

Este ambiente mascarado e tôlo devia vitimar os que lhe diziam respeito — o, lentamente, o caracter da filha se tornara postiço e fátuo.

A Lina Albuquerque não era bonita, mas pretendia sê-lo á custa do pó de arroz, do carmim berrante que lhe dava côr, dos cosmeticos e das visitas amiudades á cabeleireira e á modista, onde lhe ficava, mensalmente, uma conta vasta.

E, para fazer face a tais despezas, havia, apenas, o ordenado do Comendador e o rendimento de uma duzia de inscrições de conto que mal chegava para a indumentaria.

Porém, a rapariga, futil e mal educada, com pretensões a grande dama e o desejo latente de frequntar a sociedade, riscara do vocabulario de uso a palavra «orçamento».

E nunca um chá elegante ou uma récita de caridade se realisara sem que a Lina acorresse com entusiasmo e... um vestido novo.

O pai aludira, num dia cinzento, a dificuldades, a economias...

Ela iludira a resposta, e falara na raça dos Albuquerques e da comenda do pá:

—Da «nobrre» raça que «erra» a sua...

Fôra pouco depois que o Lorjó se declarara numa carta perfumada de papel fino, tarjado de rosa.

A' mesa falara-se do caso sem rubor da Lina nem rebuço dos pais.

E' que o Comendador vira, num relance, que no casamento da pequena estaria a solução da crise.

Se o pretendente fosse rico... Havia de averiguá-lo, logo que a inculca fôsse oportuna.

Entretanto, ela — seria bom — que lhe insinuasse da sua situação e inquerisse da dele.

Logo a menina, lida em romances franceses, se levantara indignada e dissera com a voz tremente:

—«Imporrta», apenas, que ele me «queirra» e eu o ame.

Sorriu-se o Comendador como resposta; mas a mãe, personagem amorfa que sempre se julgara humilde e subalterna, quiz replicar.

O marido fizera um gesto a suspender a réplica, e concluira:

—Deixa a... Ainda é cêdo para a catequisarmos, como é mister.

E algum tempo passou, ornada a vida com os constantes bailes, a que a Albuquerque nunca faltava, e com o coloquio nocturno, da janela á rua, té nitida madrugada, em que ela se confessava cheia de fadiga, recolhia de olheiras e com uma vaga tosse á Gauthier, emquanto o Lorjó Rino afirmava as suas dôres insuportaveis na cerviz.

Um dia a jovem mostrou interesse em que tomasse uma chavena de chá em sua casa. O papá teria muito gosto em conhecê-lo, e a mamã, que sempre se referia a ele, desejaria tambem falar-lhe.

Que aproveitasse o dia seguinte, uma quinta feira, em que recebiam pessoas de amizade, e «aquilo» estaria mais animado.

Logo o Lorjó se desculpou: que lhe era absolutamente impossivel, que tinha de trabalhar no escritorio até depois da meia noite. Havia livros atrazados, contas por regularizar, e chegavam noticias de viagem de um dos socios da casa de Hong-Kong que passaria por Lisboa e visitaria a agencia.

A pena que tinha! Que o desculpasse como pudesse! Era-lhe impossivel; mas prometia compensar a contrariedade enorme!... Uma daquelas!

Ora o chá não se realizara. Não houvera nem disposição, nem visitas. Aconteceu que «madame» Albuquerque recolhera ao quarto com uma enxaquêca; e a filha andava nervosa e irritavel...

O Comendador, contrariado com a recusa de um emprestimo, saiu furioso, mandando-as para o diabo, e fôra distrair-se com o espectaculo do Ginasio, onde, a esse tempo, uma comedia chistosa causava um largo furor.

Mas, no Chiado, emquanto á porta de um café dava trela a um vago literato guedelhudo e magro, que sempre punha cêrco a quem esportulasse um «boque», vira, quasi a tremer de surpreza e colera, o Lorjó Rino, despreocupado, vagaroso e sorridente.

E não seguia só. Acompanhava o uma dona que lhe dava atenção e lhe sorria.

Logo o Comendador sentiu o impulso de lhe pedir uma explicação; porém, ao lado, circunspecto e rijo, empunhando um bengalão robusto, um velho grisalho e sólido parecia acompanhá-los.

—Que grande velhaco — dissera o Albuquerque, sem ouvir o letrado que naquele momento lhe falava da escola teósofo-literaria da baixa Hungria.

E, no Ginasio, para onde entrou á hora de subir o pano, enxergara, nas primeiras filas, o já conhecido trio.

E a indignação cresceria se o homem alentado que o intimidara, e que olhava a plateia distraidamente, não acarinhasse nesse instante a volta grossa do seu pessante bengalão.

Resolveu, porém, sindicar sem detenças; e, logo ali, num dos intervalos, tendo encontrado o engenheiro gerente duma fabrica de Alcantara, amigo de escola, inquiriu da existencia do Lorjó.

Este não se fez rogado:

—Não, não consta nada... Boemio... mulheres... Pouca actividade... pouca competencia...

Mas o Comendador atacou a questão primaz:

—¿E com respeito a fortuna? E' rico, o rapazola?

O outro soriru e encolheu os ombros desdenhosamente.

Que não. O Lorjó era pobre e comprometera-se com bastantes dividas. Quanto a responsabilidades... Estava subordinado a um agente geral na peninsula que vigiava arguto; e o ordenado estava longe de ser bom.

—Com que então, nem vintem!...

—E' o termo; a tenir, meu amigo.

E, como o sinal para o segundo acto vibrasse ruidoso, o Comendador, metamorfoseada a expressão, os punhos cerrados, foi acomodar-se no seu logar com despeito e desalento, murmurando triste:

—E uma destas!

Hemorrhoidas
Anusol-Goedecke

Anusol-Goedecke é recomendado ha mais de 25 annos como o melhor remedio para as Hemorrhoidas. Anusol-Goedecke faz desaparecer rapidamente as dores. Anusol-Goedecke favorece a evacuação. Anusol-Goedecke evita a dolorosa intervenção cirurgica. Amostras gratuitas aos Srs. Medicos.

Goedecke & C.º Chemische Fabrik und Export-Aktien Ges., — Leipzig —

Depositario: J. Eurmeister, R. Almeida Brandão, 11, Lisboa

PRECISAIS DE DINHEIRO?

não perder tempo. Dirijam-se á nova casa de penhores na

Rua S. Pedro d'Alcantara, 45, sobre-loja

de Carvalho & Crispim Lt.ª

que o empresta sob caução a juro modico e convencional

Optimas acomodações para roupa e valores. Rapidez e sigilo

Raul Pereira & C.ª L.da

JOALHEIROS

LISBOA PORTO

R. DO CARMO, 87-B

Exposição permanente de joias, pratas e filigranas portuguesas

Sortes grandes?
só o PINA as vende
75 — Rua de S. Paulo — 77

MAPLES
POR CONTA DO FABRICANTE FAZEM-SE DIVERSOS
FABRICAÇÃO GARANTIDA
182—RUA DA ROSA—190

RESTAURANT
«SOLAR DA ALEGRIA»
A casa preferida pela nossa melhor sociedade.
Jantares a 13$00
Esmerado serviço á carta
Aberto toda a noite

«SOLAR D'ALEGRIA»

Nas noites de 29 e 30 realizam-se neste restaurant duas elegantissimas **soirées á franceza**, em que tomam parte varios artistas, sendo a entrada por convite gratuito que pode desde já ser reclamado neste estabelecimento

DUAS NOITES DE ALEGRIA

A Cidade

Dr. Albino Pacheco

Regressado do Rio de Janeiro
CURAS PELA HORMOTERAPIA
Reabriu o consultorio
Rua Nova do Almada, 80, 1.º
Da 1 ás 3 horas — Telef. Central 535
Residencia Telefone C.-2577

Chá das cinco

Em Cascaes

Sentada num banco do passeio da Cidadela, vejo cair a tarde, uma deliciosa tarde de verão que a brisa do mar refresca e cuja luz tem tonalidades encantadoras, que se amortecem no pôr do sol.

Estou absolutamente só e respiro largamente o ar puro, o isolamento, o repouso. Quasi sempre o isolamento é melhor companhia que a multidão.

Ao fundo, a serra de Cintra recorta-se azul-violeta no ceu doirado, rôxo claro, côr de rosa.

Mais perto a mancha alegre da casaria, depois um trecho de pinhal e os Estoris e as povoações que seguem a linha da costa e vão perder-se numa bruma leve.

A baía serena tem brandos tons cinzentos, com reflexos rosados, que lhe veem do ceu. Vão recolhendo barcos á vela. Ouvem-se vozes que não chegam definidas, no crepusculo tépido, que a brisa do mar refresca...

A Cidadela recorda-nos o passado, um passado recente, de que as tempestades da vida e o repouso da morte varreram muitas figuras.

E parece-me Cascaes uma vila morta e parece-me que estou só entre ruinas...

Nesta hora crepuscular e doce cabem muitas recordações e muitas saudades...

E lentamente vai anoitecendo...

* * *

Chegou o rapido. Passam automoveis de farois acesos, cortando a noite que o luar esclarece. A vida segue o seu curso e o passado é apenas a visão ou a saudade dos que sabem recordar, embora o passado seja a unica realidade positiva, sem as ilusões do presente, sem as incertezas do futuro...

Ter um passado que nos deixou saudades, que nos apraz recordar, é a unica riqueza que ninguem já pode roubar-nos, e é talvez por isso que em certas velhices ha alegria, ha a luz dum sorriso que é como que a claridade que o sol-posto deixa no ceu.

Maria de Carvalho

TAPETES DE BEIRIZ

Recomendam-se pela sua origem, preço e gosto.

Grande sortido no deposito da
RUA IVENS, 30 Telefone C. 4194

Fernando Quartin

Vai deixar o seu lugar no gabinete do ministro dos Negocios Estrangeiros, onde durante anos o ocupou com brilho e inteligencia, o sr. dr. Fernando Quartin, antigo funcionario do ministerio, que parte brevemente para Budapest para tomar a encarregatura de negocios. Espirito culto, cheio de vivacidade, interessando-lhe todas as manifestações intelectuais, o sr. dr. Fernando Quartin foi no ministerio dos Negocios Estrangeiros um funcionario distinto e um camarada leal que deixa uma viva saudade entre os seus antigos colegas.

A ARTE DE FURTAR

O conto do vigario de que foi victima "O Pimpão"

e uma invocação oportuna do grande incendio da Magdalena e duma pseudo-heroicidade

As maneiras de diminuir os haveres do proximo são tantas que o Padre Antonio Vieira escreveu, com tanta malicia como observação, a mui nobre e lida «Arte de Furtar». A gatunagem nacional tirou, ha já anos, patente de invenção do «conto do vigario». O conto, por vezes, chega a ser romance, novela, historia. Ha o conto fantasia. Ha o realista. Ha o romantico. Ha o sentimental. O epilogo é sempre o mesmo, mas o principio, e depois os capitulos subsequentes é que variam, enxadresados de detalhes e de lances que comovem a mais gelada e termometrica sensibilidade, negativa abaixo de zero.

E dito isto, que é pouco, vamos á historia do «Pimpão», vigarizado no Rossio. «Pimpão» é um emigrante recem-chegado da America. Trabalhador, ganhava para comer. Mas um dia a desgraça fitou-o. E por detrás da desgraça a fortuna. Deve-se mesmo dizer: a fortuna da desgraça. «Pimpão» carregava fardos numa fabrica. Em certa manhã, um ferro caido dum andaime feriu-o na cabeça. Hospitalizado e curado, a memoria começou a falhar-lhe. A memoria e a inteligencia. As leis do trabalho americanas são claras e obrigatorias, o que não sucede com os nossos Seguros Sociais. O «Pimpão» recebeu uma forte indemnização, qualquer coisa como 180 contos da nossa moeda e a respectiva dispensa de trabalho.

Os 180 contos do «Pimpão» foram outras tantas ilusões. A primeira foi a do regresso á Patria.

A segunda foi julgar que ainda havia boa pessoas no... Rocio, quando despreocupadamente por ali passava.

«Pimpão», recem-chegado, admirava as obras de pavimentação, quando notou que era cumprimentado por dois individuos. O cumprimento deu-lhe importancia. Não era um desconhecido — pensou. Tratou, pois, de meter conversa com os dois respeitosos individuos, que tinham parado a certa distancia, acolhendo o «Pimpão» com um belo sorrizo, farto de amizade.

Saltamos o prologo. A historia que o pobre emigrante ouviu estarreceu o, horripilou-o. Era uma historia de familia, mais tragica do que as tragedias. De principio um incendio — o da Madalena. Bombeiros. Salvamentos heroicos. Rolos de fumo. Apareceu um popular, pai dos dois amigos recentes do «Pimpão», que operou tais prodigios de coragem que as labaredas admiradas resolveram extinguir-se...

—Que pai! ? — teria dito o «Pimpão».

—Como o nosso, valha a verdadinha, ha poucos...

Já no discurso directo:

—Quando o nosso pai rodeado de chamas se encontrou num terceiro andar, o primeiro predio, onde se declarou incendio, viu uma arca. O seu aspecto despertou-lhe a atenção. Como julgasse que nela houvesse haveres quiz lança-la da janela á rua. Mas era muito pesada. Abriu-a. Roupas e papeis—tudo deitou pela janela fóra. Ao arremeçar a ultima peça encontrou um montão de joias ..

—E o que fez o pai de Vossas Senhorias?

—Pensou: se as deito para a rua espalham-se e é uma a cada um. O melhor é guarda-las eu e restitui-las após o sinistro. Assim fez meu nobre pai. Quando chegou a casa, chamuscado e suado, o autor dos nossos dias pensou de novo e ficou perplexo: a quem entregar as joias se os seus donos tinham morrido? Resolveu ficar com elas. Foi o seu mal. Começou a inchar. O baixo ventre era uma montanha. Inchou. Seria o remorso? Talvez. Dez anos depois—ontem, meu pai tomou uma resolução heroica entregar aos pobres do *Diario de Noticias*, dez contos, que é o valor das joias. Mas ..

O «Pimpão», condoído das impossibilidades que os dois meliantes tinham de ir ao *Diario de Noticias* entregar os dez contos—que estavam ali em maços—despojou se do dinheiro que trazia. Boas libras e algumas notas de dollars.

AS DUAS CORRIDAS NOCTURNAS

DE TERÇA-FEIRA

NO CAMPO PEQUENO

Um «passe» de Lafarque

No Campo Pequeno realizam-se, na terça-feira á noite, duas sensacionais corridas, sendo a segunda oferecida ao publico. Na primeira, serão lidados seis touros do grande «ganadero» Emilio Infante da Camara, por Ricardo Teixeira, arrojado cavaleiro, Antonio Luis Lopes, um dos mais classicos dos nossos artistas; o valente matador e primoroso bandarilheiro «Rafaelillo» e os bandarilheiros Custodio Domingos, Julio Procopio, Punteret, Plá Flores, Carlos Santos, (da Golegã), e Antonio Carvalho. Forcados serão, entre outros, Antonio Pilé (cabo), Matias Leiteiro, o cernelheiro Casimiro Daniel e Edmundo (1.º premio do recente concurso).

Na segunda corrida, gratuita, lidarão quatro garraios da nova ganadaria Trancas & Nuncio, os jovens cavaleiros Artur Ribeiro da Costa, filho de Rufino e Henrique Sales, de Santarem; o «niño torero» Antonio Lafarque, que, apesar dos seus 12 anos é um «fenomeno» com a muleta e o bandarilheiro de 12 anos Julio Antonio, de Vila Franca.

NO "MARIA VITORIA"

A'manhã sobe ... um quadro ...

na revista "Rataplan"

que perfaz quasi 300 representações

Rataplan! a alegre e espirituosa revista que a elegante e popularissima *boite* do Parque Mayer conserva em scena desde 30 de Abril, constitue um dos maiores e mais entusiasticos sucessos do teatro alegre. Peça cheia de vivacidade e de fantasia, com uma critica desopilante e um desempenho notavel, pode enfileirar galhardamente ao lado do *O' da guarda!* do *Tim-tim por tim-tim*, do *Novo Mundo*, de *O 31*, do *Tic tac* e do *Rés vés*, que são os maiores exitos até agora assinalados neste genero de teatro. A empresa do Maria Vitoria, desejando apresentar espectaculos modernos, ao estilo daqueles que exibem ao publico o Alcázar, de Madrid, e o Concert Mayol, de Paris, com montagens elegantes e vistosas e um grupo de artistas encantadoras, tem conseguido, á custa de inumeros esforços, e aproveitando habilmente os recursos extremamente limitados do nosso meio, realizar por completo o seu *desideratum*. Assim, depois do *Res vés*, o grande exito popular, deu-nos *As Onze Mil Virgens*, o magnifico triunfo artistico, e agora o *Rataplan*, o formidavel sucesso que tem batido o *record* de todas as peças do mesmo genero. A despeito, porém, do agrado excepcional com que é recebida todas as noites a espirituosissima obra, que os mais aplaudidos autores da especialidade escreveram num momento de feliz inspiração, a empresa do teatro Maria Vitoria, querendo corresponder ao acolhimento entusiastico do publico, resolveu apresentar amanhã o *Rataplan* profundamente remodelado, melhorando e engrandecendo o espectaculo mais alegre e mais animado de Lisboa.

A revista vai exibir-se numa forma diversa, com dois quadros e um final novos, expressamente pintados por Eduardo Reis e Baltazar Rodrigues. O primeiro é um episodio rapido, original, de estilo moderno, *charge* desopilante ao chamado teatro novo, e o segundo é uma fantasia leve e saltitante, ilustrada com preciosos numeros de musica e varios grupos de guarda-roupa escrupulosamente confecionados pelo habil *costumier* Castelo Branco e pela Empreza de Materiais de Teatro. Além disso estrear-se-hão tambem numeros da mais flagrante oportunidade, como *As Aguas de Santa Marta* e *Os Salvo Condutos*, uma nova canção *A Zuca*, pela gentil *divete* Laura Costa, um lindo *paso-doble* pela aplaudida actriz Zulmira Miranda, um endiabrado maxixe pelos estimados artistas Maria Alves e Alfredo Ruas e uma espirituosa cançoneta que este ultimo artista vai desempenhar, ao estilo do grande *diseur* Maurice Chevalier. Com todos estes atractivos, o *Rataplan* ficará uma nova revista, destinada a outra esplendida e brilhantissima carreira

DE LUTO

Alberto Correia

Faleceu o sr. Alberto Correia, irmão estremecido do nosso querido camarada de imprensa Antonio Correia Junior. O falecido regressara ha pouco de Africa, onde era funcionario publico.

O funeral do desditoso rapaz realisou-se ante-ontem, com grande acompanhamento, tendo-se no cemiterio organisado varios turnos.

Ao nosso camarada Antonio Correia Junior apresentamos os nossos pesames.

Excursões

No proposito de tornar bem conhecidas as maravilhas da nossa terra, um grupo de patriotas resolveu promover varias excursões, não só no continente como ás ilhas. O primeiro passeio realisa-se no dia 13 de setembro do proximo mez, a Coimbra, Luso, Bussaco e Penacova. O preço, incluindo passagens em 2.ª classe e hospedagem 4 dias, custa 350 escudos. A acquisição de bilhetes pode ser feita na rua do Arco do Marquez de Alegrete, 56 58.

Teatro Salão Foz
Novo programa
IVONE-BAILEY
IRMA GANTE
ARMANDO NASCIMENTO
FERNANDA NASCIMENTO
MANOLITA ROSALES

O "DIARIO DE LISBOA,,

O apoio

da imprensa

á primeira festa

dos mercados de Lisboa

que será organisada pelo nosso jornal

As festas dos mercados da cidade, organizadas pela iniciativa do *Diario de Lisboa*, levadas a efeito por uma grande comissão, e realizadas sob a egíde da Camara Municipal, têm merecido da imprensa referencias que muito nos penhoram.

Além do nosso colega *O Diario de Noticias*, que ontem cativantemente se refere á nossa iniciativa, e ao caracter das festas, que terão o aspecto popularissimo, de estimulo de beleza e de graça, e de apoio á obra municipal —tambem o nosso colega *Jornal do Comercio* dizia ontem:

«Por louvavel iniciativa do nosso colega *Diario de Lisboa*, aplaudida e secundada pela Camara Municipal, vai realizar-se em Lisboa, pela primeira vez, a festa dos mercados populares, á semelhança do que se faz todos os anos em Paris, e noutras terras do estrangeiro.

... ...

Não ha duvida que as festas em projecto devem ser sobremodo interessantes, como são sempre as de Paris, pelo menos, que são do nosso conhecimento directo.»

Por sua vez o nossso colega *O Seculo* diz hoje:

«Lisboa, á semelhança do que acontece nas grandes capitais da Europa, em Madrid e em Paris, vai ter tambem a sua Festas dos Mercados.

Tomou a iniciativa dela o nosso presado colega *O Diario de Lisboa*, que vai realizar a ideia, que é digna de todo o aplauso e simpatia, de colaboração com a Camara Municipal.

Não ha qualquer intuito especulativo na realização destas festas. Trata-se de um trabalho de sugestivo interesse e a cuja organização preside um criterio de arte e de bom gosto. Do programa, que está sendo cuidadosamente elaborado, fazem parte alguns numeros curiosissimos, como a eleição de rainhas, concursos, exposições e ornamentações, apresentação de montras com flôres, frutas, hortaliças, etc.»

Tambem hoje, novamente, o nosso colega *O Diario de Noticias*, que logo de começo acolheu simpaticamente a iniciativa que o nosso jornal teve e a que se vae lançar, se refere á 1.ª festa dos mercados, dizendo:

«Não pode o *Diario de Noticias*, jornal das mais populares tradições deixar de a acompanhar e de nela pôr todo o seu interesse, procurando dar-lhe brilho e grandeza atravez da sua larga expansão.»

E o *Diario de Noticias* inseria uma interessante entrevista com o sr. Fernão Pires, vereador do pelouro dos mercados, e que é o presidente da Comissão Executiva das festas.

Aos nossos prezados colegas da imprensa, que citamos, fazemos o nosso agradecimento.

Estamos convencidos que todos os jornaes compreenderão o desinteresse absoluto e largo objectivo da iniciativa, que visa, pelo estimulo, o aformosear, melhorar e tornar cada vez mais dignos de Lisboa, os seus mercados antigos e modernos. Com todos os jornalistas, directores de jornaes e seus elementos de preponderancia, conta a Camara Municipal e o *Diario de Lisboa* para se poder imprimir a estas primeiras festas o maximo brilhantismo e exito moral possivel.

Para Quelimane

Segue para Quelimane, no proximo dia 1 de setembro, a bordo do «Angola», o sr. Gavicho de Lacerda.

A Cidade

A NOSSA AFRICA

Reunirá

em outubro

a conferencia de Lourenço Marques

para o estudo do convenio

a assignar entre Moçambique

e a União Sul Africana

As negociações para o convenio que deve ser assinado entre a provincia de Moçambique e a União Sul-Africana, vão entrar num periodo de actividade.

Anuncia-se para breve a chegada a Lourenço Marques de quatro ministros da União, entre os quais se conta o proprio general Hertzog, e que se devem encontrar ali com os delegados portugueses, numa conferencia preparatoria das bases em que deve assentar o acordo comercial entre Moçambique e o governo da União.

Por emquanto, as estações oficiais guardam ainda uma grande reserva sobre o assunto. O sr. ministro das Colonias, interrogado hoje por um redactor do *Diario de Lisboa*, limitou-se a fazer estas breves declarações:

—A conferencia de Lourenço Marques deve reunir em fins de outubro. Não tenho ainda nenhuma declaração oficial a fazer á imprensa. Estou trocando notas telegraficas com o Alto Comissario de Moçambique, a fim de assentar nos trabalhos preparatorios da conferencia.

E o comandante Pereira Leite nada mais acrescentou. Ora, o ponto de vista português é conhecido. Consta das bases apresentadas em Londres pelo sr. dr. Augusto Soares. Segundo essas bases, o convenio deve assentar em três pontos capitais:

—Aumento de percentagem no trafego que se faz pelo caminho de ferro de Lourenço Marques;

—Concessão de mão de obra para as minas do Rand;

—Intercambio comercial.

Segundo a convenção de 1909, o movimento do caminho de ferro de Lourenço Marques devia abranger 50 a 55 por cento do trafego de importação para a chamada zona de competencia. Ora, ainda mesmo quando a convenção estava em vigor, esse trafego ficou sempre muito áquem da percentagem que nos cabia.

As negociações, por parte de Portugal, devem, portanto, insistir sobre este ponto. Se a provincia de Moçambique concede a mão de obra para as minas de ouro do Rand, temos o direito de exigir que em troca dessa concessão a Africa do Sul nos dê compensações.

Quais seriam essas compensações?

—A garantia segura de um trafego que seja compensador das despesas feitas com o apetrechamento do porto e do caminho de ferro de Lourenço Marques;

—O estabelecimento de um regime de intercambio comercial que permita o desenvolvimento agricola do nosso territorio.

Mas não é só a percentagem no trafego que devemos exigir, de uma maneira geral; é tambem, especialmente, a garantia de uma certa percentagem no trafego dos produtos ricos.

Ha ainda outro criterio, que supomos ser aquele que foi seguido na proposta Augusto Soares, segundo o qual, em vez do regime de percentagens—que os nossos vizinhos têm sempre maneira de iludir—devemos pedir quantidades fixas e indemnizações em dinheiro.

Supomos saber que é este o pensamento do Alto Comissario, embora certos tecnicos que conhecem o assunto tenham algumas duvidas ácêrca da viabilidade desta pretensão.

Seja como fôr, o que os delegados portugueses devem defender *à outrance* é um minimo de compensações que nos garanta, pelo menos, o juro do capital dispendido com as obras do porto e do caminho de ferro de Lourenço Marques. Tudo quanto se afaste deste ponto de vista é má politica para Portugal.

Supomos saber que a Africa do Sul leva, mais uma vez, na sua *valise*, uma proposta de condominio administrativo no caminho de ferro de Lourenço Marques.

A'cerca deste ponto, os delegados portugueses têm o dever de opôr a mais formal negativa ás pretensões absorpcionistas do governo da União. Transigir, seria confessar a nossa incapacidade administrativa e abdicar de um direito de soberania —que podia ser ponto de partida para uma mais larga ingerencia da União Sul-Africana nos negocios internos da provincia de Moçambique.

O porto de Lourenço Marques ocupa, no sistema economico da Africa do Sul, um papel preponderante. Aproveitemos as vantagens que provêm da sua explendida situação geografica, não cedendo um passo ao governo da União em prejuizo dos interesses portugueses.

AUERAN
A MELHOR LAMINA para maquinas de barbear
Cada pacote com 10 laminas Esc. 10$00
A' VENDA UNICAMENTE NA CUTELARIA POLICARPO RUA DE S. NICOLAU 25 a 31

PARA SEU INTERESSE...
Deve ver o magnifico sortido de malas e carteiras e mais artigos em couro, que tem Bastos Silva, Lda. Rua de S. Nicolau, 81.

TIVOLI Telefone N. 5474
HOJE - A'S 8 3|4 - HOJE
A HERANÇA DO MIUDINHO
Uma cine-farça
Um film de sport—Um documentario

Pelos teatros

Jesuina de Chaby

A ilustre actriz Jesuina de Chaby, esposa do grande actor Chaby Pinheiro, tem na representação da farça «O Leão da Estrela» um papel de destaque, que nos

JESUINA DE CHABI

apraz registar como um dos seus mais distintos trabalhos, tendo merecido da critica as referencias mais elogiosas, do mesmo modo porque o publico lho premeia, todas as noites, no Politeama, com os mais sinceros aplausos.

Salão Foz

A gentil «couplettista» Williose estreia-se esta noite no Salão Foz. E' uma artista que tem conquistado por toda a parte os maiores aplausos.

Os notaveis bailarinos Yvonne-Bailey alcançaram um ruidoso e justo sucesso e os distintos artistas portugueses Fernanda Nascimento, actriz cantora, e Armando Nascimento, baritono, continuam mantendo o exito obtido desde a primeira noite.

Atrás do reposteiro

O nosso querido amigo Lino Ferreira continua doente e afastado de todos os trabalhos teatrais, aos quais só se dedicará quando se encontrar perfeitamente restabelecido, sendo, portanto, prematuras tôdas as noticias que nesse sentido forem publicadas.

—Chabi Pinheiro, na organização da companhia que vai dirigir depois de Outubro tem tido a preocupação de formar á sua volta e de sua esposa, a actriz Jesuina de Chabi, um grupo homogeneo de artistas honestos, sem pretenções de celebridade, mas que realizem os mais perfeitos e completos conjuntos.

—O empresario Conceição Silva está organisando o repertorio para a epoca de inverno para o teatro da Trindade.

—Hoje, no teatro Maria Vitoria, não ha espectaculo, para se efectuar o ensaio geral dos três quadros novos que vão ampliar a revista «Rataplan!» e cuja estreia se efectua ámanhã.

—Amanhã, no S. Luís, no campeonato de luta, batem-se o campeão português de «jiu-jutsu» Bruno de Sousa Leite com a lutadora Yada, a mais violenta da «troupe».

—Fala-se na ida a Espanha, em Dezembro, de uma das principais companhias de declamação, auxiliada pelo governo português.

—Sobe hoje á scena no teatro Apolo a peça «O conde de Monte Cristo», interpretada pelos artistas que faziam parte da companhia José Ricardo, sob a direcção dos seus colegas Ilda Stichini e Rafael Marques, que vão interpretar os principais papeis.

—«A Saudação», original de André Brun, que hoje será lida no Eden-Teatro, na recita de homenagem aos aviadores do «raid» Lisboa-Guiné, no final do 1.º acto da fantasia «A cidade onde a gente se aborrece», será recitada pela actriz Alice Ogando.

—Lolita Baldó vai ser a «Rainha da «Verbena» que se realiza na proxima semana no Salão Alhambra, cujo recinto está sendo devidamente decorado.

—Vão muito adiantados os ensaios da nova revista de «Esculapio» e Carlos Ferreira, «Frei Tomaz», dirigidos pelo «meteur-en scene» Henrique Santana, a qual deve subir á scena, no Eden-Teatro, nos primeiros dias de Setembro, posta com a maxima propriedade e com Joaquim Prata no respectivo «compére».

—Os ensaios da peça de estreia da companhia Satanela-Amarante, no teatro Avenida, começam no proximo mês, tratando-se de um «vaudeville» original dos escritores Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes e João Bastos.

Teatro São Luiz

Empresa Vasconcellos, Ltd.—Telef. C. 224

HOJE — Sexta-feira — **HOJE**

Lutadoras Femininas

Combates da maior sensação

Lutas finais

PROGRAMA DE HOJE

1.ª PARTE—**Liduina** (egipcia) contra **Edmêa** (piemontesa). **Jeannette** (italo-franceza) contra **Faurine** (belga).
2.ª PARTE—**Iada** (grega) contra **Odette** (suissa). **Edmêa** (piemontesa) contra **Dianora** (espanhola).

O resto do programa será preenchido pela notavel couplelista

Edmêa Garanzini

que é tambem uma eximia lutadora, e pela brilhante tonadillera

Lucrecia Torralba

que se fará ouvir em varios numeros do seu variadissimo reportorio.

PREÇOS POPULARES
ao alcance de todas as bolsas.

Atenção

Amanhã SABADO **Amanhã**

Sensacional desafio entre a violenta lutadora **Iada** grega), que tão violentos protestos tem provocado, e o campeão português de jiu-jutsu

BRUNO DE SOUSA LEITE

Gelosias, Limitada

Stores Gelosias

Telef. N. 1:381

R. Maria Andrade, 11

DR. ARBUES MOREIRA

CLINICA MEDICA

DOENÇAS PULMONARES

CONSULTAS AS 4 HORAS

AVENIDA DA LIBERDADE, 77, 1.°

PARTEIRA

Judite Silva

Rua dos Fanqueiros, 96, 4.°

CONSULTAS sobre gravidez e faltas de menstruação. Das 2 ás 6 da tarde. Recebe clientes em casa.

BRILHANTES GRANDES

SEM DEFEITO, paga de 3.000$00 para cima o quilate, perolas, esmeraldas e joias, superior a qualquer oferta. Rua 24 de Julho, 60, 1.° (a Santos).

Maria Ferreira Cardoso

SUA familia manda amanhã rezar uma missa, pelas 11 horas, na igreja do Coração de Jesus, sufragando o 30.° dia do seu falecimento.

Os pés e o calor

TODOS aqueles que têm os pés magoados sabem por experiencia propria os sofrimentos porque os fazem passar os grandes calores; os pés ardem e incham de tal forma, que até o calçado parece mais apertado, tornando-se intoleraveis as dores ocasionadas pelos calos, durezas e outras calosidades dolorosas.

Aqueles cujos pés são sujeitos a uma forte transpiração sofrem mais do que nunca dos efeitos nefastos desta terrivel afecção.

Devemos lembrar que um simples banho de Sais «Dermoxa» constitue um remedio incomparavel contra estes diversos males. Um banho destes Sais estimula a circulação do sangue, tonificando e descongestionando os pés magoados e fazendo desaparecer imediatamente toda a sensação de queimadura e fadiga, proporcionando um agradavel bem-estar.

Os Sais «Dermoxa» é o melhor remedio conhecido contra a irritação e o mau cheiro ocasionados por uma transpiração excessiva.

A' VENDA EM TODAS AS FARMACIAS E DROGARIAS

Concessionario unico: MARIO BRANDAO, Rua Eugenio dos Santos 99—LISBOA

N. B.—Exijam os verdadeiros Sais **«Dermoxa»** e recusem as imitações que em substituição lhes queiram vender e que na sua maioria não têm nenhum valor curativo.

Laboratoires J. Nante, 62. Avenue Gambetta, Paris (XXe.)

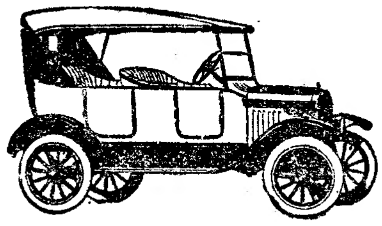
Ford

Unica agencia oficial em Lisboa

CORTE REAL, L.DA

R. S. Julião, 23, 1.°—R. Eça de Queiroz, 23 a 27

Telegramas: Zezere-Lisboa—Telefone C. 3419



Sempre carros camionetes e tractores, para entrega imediata

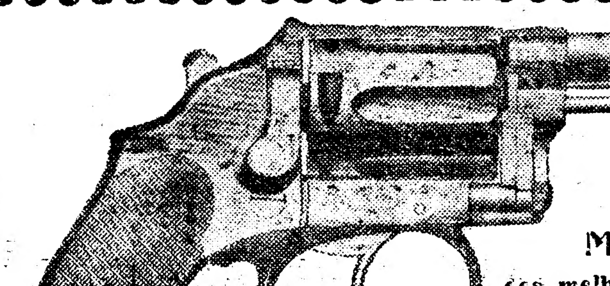
BANCO PINTO & SOTTO MAYOR

LISBOA	PORTO
RUA DO OURO, 18, 24	PRAÇA DA LIBERDADE, 28, 29

REPRESENTANTES EM PORTUGAL DO

BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL

Operações financeiras—Fundos publicos nacionais e estrangeiros



ARMAS
E
MUNIÇÕES

dos melhores fabricantes

Representação da importante Fabrica

«GALAND»

Espingardaria Central

G. Heitor Ferreira—Suc. A. MONTEZ

Praça D. João da Camara, 3 (antigo L. de Camões)

Teatro APOLO Empr. Luiz Ruas, Ltd.ª—Tel. N. 4129

HOJE **ás 21-15** HOJE

PRIMEIRA repres. do sensacional drama

O CONDE DE MONTE CRISTO

Nos principais papeis

Ilda Stichini e Rafael Marques

Politeama Emp. Luis Pereira — Telef. 3038 N.

HOJE, ás 21-30 em ponto

O LEÃO DA ESTRELA

Protogonista, CHABY PINHEIRO

Extraordinario exito de gargalhada

EDEN TEATRO Telef. N. 3800

HOJE RECITA de homenagem

aos heroicos aviadores do raid Lisboa-Guiné

A CIDADE
ONDE A GENTE SE ABORRECE

Teatro MARIA VITORIA TELFE. N. 3644

Hoje não ha espectaculo e **Amanhã**, ESTREIA dos numeros novos

TEATRO NOVO
COMPADRES E COMADRES
VIOLETAS DE PARIS

com que é ampliada a celebre revista

RATAPLAN!

SRS. MILITARES E PAISANOS

LEIAM:

Na casa Teofilo, os Senhores mandam fazer os seus fatos e compram os seus artigos, tudo mais barato. Fatos a feitio, bons forros, a 150 escudos. Facilita-se o pagamento.

41, TRAVESSA DE S. DOMINGOS, 43

JUNTO AO LARGO

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

5.° aditamento ao complemento á tarifa especial interna n.° 1 de pequena velocidade

Capitulo I – Transportes de resinas de pinheiro, em bruto ou refinadas; borras de resina; breu vegetal ou mineral; colofónia; pez louro ou negro; agua-raz; essencias de terebentina e terebentina sêca, destinados a exportação pela barra de Lisboa (1).

Concessão especial

Aos expedidores que, em seu nome e durante o prazo maximo de um ano, contado da data da primeira remessa, tiverem transportado, ao abrigo da Tarifa Especial n.° 1 de pequena velocidade, remessas de resina de pinheiro, em bruto ou refinadas; borras de resina; breu vegetal ou mineral; colofónia; pez louro ou negro, por expedições de vagão completo ou pagando como tal, e de agua-raz, essencia de terebentina e terebentina sêca, por expedições do peso minimo de 500 quilogramas ou pagando como tal, expedidas de qualquer estação portuguesa para Lisboa-Cais dos Soldados e suas dependencias, Alcantara-Terra ou Mar, Entrepostos de Santos, Alcantara e de Santa Apolonia e Doca de Santo Amaro, destinados a exportação pela barra de Lisboa, concede esta Companhia, a partir de 1 de setembro de 1925, nos preços de transportes propriamente dito, correspondentes ao trajecto das suas linhas, os abatimentos a seguir indicados:

10 0/0	quando tenham atingido o minimo de	500 ton.
15 »	» » » » » »	1:000 »
20 »	» » » » » »	2:000 »

Para a formação destes minimos consideram-se os pesos que tiverem servido de base para as taxas de transporte.

Para esta concessão ter efeito é necesaria a apresentação, no Serviço da Fiscalisação e Estatistica desta Companhia (edificio de Santa Apolonia) dentro do prazo maximo de trez mezes a contar da data da ultima remessa, das cartas de porte e documentos comprovativos de embarque, tudo devidamente relacionado das remessas feitas nas condições indicadas, a fim de se proceder á liquidação que será feita logo que seja findo o prazo de seis mezes decorridos apoz a apresentação daqueles documentos.

Em virtude desta concessão as rubricas acima designadas devem ser assinaladas com o sinal (●) na Classificação Geral desta Companhia.

(1) Gosam deste beneficio não só as mercadorias destinadas ao estrangeiro como tambem as que se destinem ás Ilhas Adjacentes e Provincias Ultramarinas.

Lisboa, 20 de agosto de 1925.

O Director Geral da Companhia.
Ferreira de Mesquita

Dr. Miguel de Magalhães
Monitor da clinica de Necker—Paris
Rins e vias urinarias, venereologia e sifilis
T. N. de S. Domingos, 9, 1.°
ás 15 horas — Telefone 5205 N

ESTRANGEIRO

Victor Gonçalves, L.da
Changeurs - cambistas - changers
Compra e venda de moedas estrangeiras — «Coupons», papeis de credito e ordens de bolsa
RUA AUREA, 152 . . . . LISBOA

MARROCOS

E' desnecessario prolongar o tempo das operações

afirma o marechal Petain

PARIS, 28

O marechal Petain, no decurso da travessia Casablanca-Marselha, foi entrevistado por um redactor de «L'Action Française», aquem declarou:

«Estou encarregado de bater Abd-el-Krim, e batê-lo-hei. Logo que tudo esteja preparado, dentro de alguns dias, terei então muitas coisas interesasntes a dizer-lhe, não em Fez».

Interrogado sobre uma eventual campanha de inverno, o marechal disse que as medidas tomadas indicam não ser necessario prolongar anormalmente o actual periodo de operações. — (L.)

A cavalaria

partiu em direcção a Fez

CASABLANCA, 28

Na região de Doukkala foi levantada uma mehalla de 800 cavaleiros, que partiu com destino a Fez, sob o comando do «contrôleur» civil Mathieu e de Mohamed ben Dahan, pachá de Azemmour, cavaleiro da Legião de Honra e Cruz de Guerra.

Na região de Chaouia foi igualmente levantada uma nova harka de 350 cavaleiros, que se destina tambem a Fez. — (H.)

Na região dos Branes

concluiram-se as operações militares

FEZ, 28

As colunas francesas fizeram a sua junção no Norte da região dos Branes, concluindo as operações militares propriamente ditas, preparadas na região, e ocuparam assim a região dos Branes em dois dias de magnificos combates, apesar da encarniçada resistencia que lhes foi oposta.

As tribus Branes ainda insubmissas, continuam a recuar para o Norte. — (H.)

O marechal Petain reuniu os oficiais generais da frente norte em conselho de guerra para estudar a situação e tomar importantes decisões respeitantes ás proximas operações. — (H.)

Submeteram-se algumas aldeias da região de Ouezzan. Por outro lado, algumas tribus Branes iniciaram conversações para a submissão. — (H.)

Hoje é chic, é do bom tom
A's 5, tomar BEM-BOM

EXCURSÃO
a PARIS E BRUXELAS
Partida a 2 de Setembro, 6 dias em Paris e 3 em Bruxelas, 2.ª classe em comboio rapido com todas as despezas pagas.
Preço 2:250$00
Inscrição, informações e programas na
Alfaiataria Arcada de Londres
R. dos Fanqueiros, 302-304.

UMA GRANDE FALENCIA

O industrial Stinnes NÃO DEIXOU nenhum herdeiro do seu genio administrativo

Em torno da vida de Hugo Stinnes, criou-se uma lenda moderna, formada á roda do papel prodigioso que o grande industrial desempenhou após a guerra, e da extensão fabulosa das suas empresas. Consagrava o poder deste homem prestigioso que espantava a Alemanha pela extensão e pelo exito das suas operações e aureolava os triunfos obtidos na batalha economica, pelo «grande comandante da industria alemã». Certos admiradores diziam que ele tinha o genio da inflacção; os seus adversarios pretendiam que ele era o demonio. Outro traço que se prestava para o desenvolvimento da lenda era o de ele ter dito que queria «olhar os aliados frente a frente na conferencia de Spa».

Com a sua morte, o seu «ducado industrial», para empregar o termo de Rathenau, derruiu. A viuva, a quem instituiu sua herdeira universal, entregou aos seus dois filhos a direcção geral da casa. Edmundo acabara os seus estudos de medicina. O mais novo — chamado Hugo tambem — dirigia a sucursal de Hamburgo. Era o mais empreendedor dos dois. Tinha sido durante alguns anos o secretario de seu pai e estava iniciado nas ideias e nos metodos paternais. Colocado á cabeça da direcção dos negocios, quiz continuar no mesmo caminho, engrandecer o patrimonio da familia e aumentar os «trusts», no seu desenvolvimento horisontal e vertical, como dizem os economistas.

Apesar das advertencias de seu irmão, cujo caracter prudente fazia contra-vapor a esses projectos ambiciosos, o joven Hugo lançou-se em especulações. Deixara-se apaixonar pela fascinação da famosa «substancia economica» que hipnotisava os «Schieber» durante a inflação. A casa Stinnes comprou tudo quanto lhe ofereceram: fabricas, navios, hoteis, e pilhou os mercados, especulando não só sobre o carvão e os metais — as suas operações habituais — mas tambem sobre a lã e os cereais, os oleos e as gorduras comestiveis, o petroleo e os seus productos.

Ora, tendo-se transformado a situação economica, depois da estabilisação do marco, resultou daí uma baixa dos preços no mercado interior e grossas perdas para os dois irmãos fortemente empenhados. Noutra ocasião, a casa Stinnes teria rapidamente coberto esses compromissos, porque não se elevavam, na ultima primavera a mais de cincoenta milhões. Mas, devido á crise de credito existente na Alemanha, os dois irmãos Stinnes viram-se em frente de dificuldades financeiras.

Um dia, espalhou-se mesmo, na Bolsa, que estava iminente um «krach» formidavel. Este boato alarmante fez sensação, porque era uma terrivel ameaça ás 1:200 explorações da casa Stinnes, e uma quebra podia ter consequencias economicas e sociais muito desastrosas. Em todo o caso o colosso começava a cambalear. E para prevenir o perigo, um «comité» formado pelos representantes dos grandes bancos, reuniu-se imediatamente no Reichsbank, sob a presidencia do dr. Schacht Tratava-se de tomar rapidamente medidas para segurar o edificio ameaçado.

Imediatamente se reformaram as letras vencidas e os creditos dados pelos grandes bancos. Estes foram cobertos por titulos entregues pela casa Stinnes. Por outro lado, a familia mobilizou cêrca de 50 milhões da sua fortuna particular para fazer face ás dividas de pagamento urgente. Quanto aos outros — fala-se de cêrca de 115 milhões — um comité executivo projecta acudir aos compromissos da casa, vendendo todas as empresas secundarias que não fazem parte dos «trusts» e que podem ser destacadas, sem se comprometerem as possibilidades de exploração.

Depois das operações audaciosas, lançadas muito longe, chegara, para os dois irmãos Stinnes, o momento de bater em retirada sobre Mülheim e de concentrar em torno do berço do poder paternal, o que lhes resta dele. Estas operações de estrategia economica foram decididas pelo «comité» dos bancos que as considerou indispensaveis.

Fazendo isto, os grandes bancos põem em segunda linha de conta os seus proprios creditos, representando alguns milhões que lhes são devidos a titulo de provisão. E' o sacrificio que eles fazem a interesses superiores, pode mesmo dizer-se a interesses nacionais. Sacrificio completo, porque é muito duvidoso que eles venham alguma vez a receber o montante dos seus creditos.

A acção agora empreendida para salvar o «trust» particular e a fortuna da familia Stinnes equivale a uma liquidação. Os outros «trusts» receberão, de qualquer maneira, uma autonomia racional, administrando-se a si proprios — porque a descentralização parece inevitavel, tanto mais que o inquerito preliminar provou que a direcção geral é incapaz de desempenhar um papel realmente gigantesco.

E' que Hugo Stinnes deixou herdeiros do seu nome, mas não do seu genio administrativo.

AÇO DE MOLAS = AÇO PARA CALÇAR
DOS MELHORES FABRICANTES DO MUNDO
ANTONIO BRAGA
Rua da Rosa, 131 a 135

DE PARIS

E' muito critica a situação das tropas francezas

que se encontram na Siria

PARIS, 28

Um comunicado oficial confirma ser bastante critica a situação das tropas francesas na Syria.

Os circulos militares supõem ser necessario o envio de importantes reforços para dominar a revolta.—(L.)

O que diz

o «memorandum» alemão

PARIS, 28

O «memorandum» alemão sobre o pacto de segurança limita-se a tomar conhecimento dos argumentos do sr. Briand e a aceitar o convite para a reunião de peritos em Londres.

Os juristas por parte da Inglaterra, França e Belgica, são os srs. Fromageot, Rollin e Gans, respectivamente.—(L.)

Caillaux

relata a viagem a Londres

PARIS, 28

Caillaux expôz em conselho de ministros as conversações que teve em Londres sobre a regularisação da divida francesa, tendo-lhe Painlevé agradecido os esforços feitos no sentido de aproximar as teses francesa e inglesa. — (H.)

PARIS, 28

O embaixador da Alemanha em Paris, von Hoesch, entregou ao sr. Briand a resposta alemã á nota francesa sobre a segurança. A resposta, que é bastante curta, será publicada no dia 29 do corrente, simultaneamente em Paris e Berlim. — (H.)

PARIS, 28

A resposta alemã á nota francesa sobre a questão de segurança, entregue ao sr. Briand, agradece ao governo francês a sua nota tão cortez, e declara aceitar a sugestão de reunir uma conferencia de juristas. — (H.)

PARIS, 28

O embaixador alemão entregou no ministerio dos Negocios Estrangeiros a resposta do seu governo á recente nota do sr. Briand, sobre o pacto de segurança. — (L.)

PARIS, 28

Caillaux declarou aos jornalistas não ter conseguido em Londres uma vitoria completa, mas ter obtido o maximo das concessões possiveis. — (L.)

Até os filhos de Nipon
Não bebem chá—só BEM-BOM

Papeis pintados
GRANDE E VARIADO SORTIMENTO
Desenhos em todos os generos
VITRAUX
PREÇOS MODERADOS
ESPECIALIDADE EM MOVEIS ESTOFADOS Á INGLESA
CASTANHEIRO FREIRE LTD.ª — Praça Luiz de Camões, n.° 37 — LISBOA — Telefone: C. 1346

CAMBIO OFICIAL

	COMPRA	VENDA
Londres, cheque	96$00	96$50
Paris	—	$93,5
Madrid	—	2$87
New-York	—	19$95
Amsterdam	—	8$04
Suiça	—	3$87

ULTIMAS NOTICIAS

CAMBIO OFICIAL

	COMPRA	VENDA
Bruxelas	—	$90
Italia	—	$75
Praga	—	$59,5
Brazil	—	2$54
Libra esterlina	98$00	99$50
Agio do ouro	—	—

EM TERRA BRASILEIRA

O ESTADO de São Paulo

continua a aclamar os estudantes

da nossa Tuna Academica

S. PAULO, 27. — A Tuna Academica de Coimbra continua recebendo, no Estado de S. Paulo, as mais captivantes provas de simpatia, sendo aclamadissima em odos os locais e em todas as festas promovidas em honra dos estudantes portugueses.

Ontem á tarde, a Tuna Academica, acompanhada pelos estudantes paulistanos e por numerosas pessoas de categoria, entre elas, muitos membros da colonia portuguesa, esteve na colina de Ipiranga onde, no dia 7 de Setembro de 1822, data que ficou a marcar a independencia do Brasil, o imperador D. Pedro soltou o celebre brado: «Independencia ou Morte»!

Os academicos coimbrões visitaram seguidamente o Museu, tendo-se demorado na admiração das inumeras preciosidades artisticas e historicas ali encerradas, entre as qeais se conta o conhecido quadro de Pedro Americo, sogro do sr. dr. Cardoso de Oliveira, embaixador do Brasil em Lisboa, que representa o imperador a proferir a exclamação que ficou denominada o «Grito do Ipiranga».

O estudante lusitano Angelo Cesar pronunciou depois um notavel discurso de analise historica sobre o papel de D. Pedro na politica portuguesa e na liberdade do Brasil, demorando-se no estudo de varias atitudes do imperador, desde a resposta ao Presidente do Senado da Camara do Rio de Janeiro, quando êste lhe entregou a representação popular pedindo ao principe que não partisse para a Europa, resposta que ficou sintetisada pela exclamação —«Fico!»— até aos acontecimentos desenrolados em Portugal que terminaram pela convenção de Evora-Monte.

Angelo Cesar, que encarou a figura do monarca á luz dum criterio inteligentissimo, exaltando o amor do primeiro imperador do Brasil e a consciencia patriotica dos seus principais actos, foi aplaudidissimo. No local juntou-se uma grande multdão que aclamou freneticamente os universitarios de Coimbra, dando-lhes vivas e a Portugal, ao povo português, etc. Os saudados corresponderam com igual entusiasmo. — (A.)

A recepção

pelo presidente do Estado de São Paulo

S. PAULO, 27. — A Tuna foi hoje recebida com grande solenidade pelo Presidente do Estado, dr. Carlos de Campos, tendo assistido á cerimonia as primeiras autoridades, os secretarios do governo, o consul de Portugal, estudantes paulistanos e os vultos de principal destaque.

O dr. Carlos de Campos que, além de estadista de renome, é um artista requintado, pronunciou um belo discurso de saudação á embaixada da Universidade de Coimbra, tendo tido palavras de grande elevação e entusiasmo para Portugal e para a sua juventude, repositorio infinito de generosidade e heroismo. Mostrou em termos vibrantes e eloquentes a sua satisfação por S. Paulo contar como hospedes algumas das melhores afirmações da mocidade do valoroso paiz irmão, que serão os dirigentes do Portugal de ámanhã, e regosijou-se com o facto da viagem oficial da Tuna começar pelo Estado a cujos destinos preside.

Respondeu o estudante Angelo Cesar, que pronunciou uma linda oração, cumprimentando na pessoa do dr. Carlos de Campos, em nome da Tuna de Coimbra, o povo paulistano, o povo admiravel das «bandeiras».

A' saida do palacio do governo, os tunos foram alvo de novas manifestações. — (A.)

AS DEPORTAÇÕES

A revisão

DOS PROCESSOS

da Legião Vermelha

e o que nos disse Barbosa Viana

Era meio dia, quando o sr. dr. Barbosa Viana, antigo juiz do Tribunal de Defeza Social e director da P. S. E., e actual adjunto da Inspecção Geral das Policias, entrou no seu gabinete, de braço dado com o sr. Tavares Figueira.

Fomos ao seu encontro. O sr. dr. Barbosa Viana convidou-nos gentilmente a entrar no seu gabinete.

Seguiu-se uma conversa rapida, em particular, e em voz baixa, a um canto duma das janelas do amplo gabinete que deita para a rua do Ouro, com o sr. Tavares Figueira.

Depois, coube a vez ao jornalista.

—O «Diario de Lisboa» desejava ouvi-lo sobre o exame dos processos dos legionarios e as conclusões do relatorio que entregou ao sr. Presidente do Ministerio...

—Ainda não acabei o relatorio sobre esses processos. Espero terminá-lo hoje ou amanhã. Depois, se quizer, dar-lhe-hei uma entrevista.

Nesta altura um continuo anunciou outro jornalista, que foi convidado a entrar.

—Já sabe que o actual comandante da policia, foi para fóra de Lisboa, com um ataque de neurastenia aguda?

—Já!

Voltamos ao assunto:

—Já reviu os processos?

—Já! E em todos eles encontrei base bastante, não só para a pronuncia como tambem para a condenação, e isso exige um tratamento especial na classificação desta especie de crimonosos eivados de todas as taras.

Mas as deportações estão levantando protesto...

—E' forçoso que a sociedade, sem deixar de ser generosa, abandone de vez o sentimentalismo piegas e lambido que a faz esquecer de que é obrigada a defender-se perante os ataques dos seus inimigos.

—Tambem já ia sendo uma vitima, não é verdade?

—Apesar de ter sido alvo de atentados dinamitistas, não tenho contra nenhum desses individuos qualquer rancor.

—A sua atitude será de...

—Justiça sem transigencias com o crime!

O sr. dr. Barbosa Viana peza bem as suas palavras pronunciadas pausadamente.

—No entanto, ha gente que se comove...

—Os deportados da Guiné, senão todos, na sua quasi totalidade, são indignos da convivencia social, visto que são autenticos casos de patologia criminal.

—Qual a prova da sua culpabilidade?

—A maior prova da culpabilidade dessa gente é o facto por todos nós constatado, de não se ter dado mais nenhum atentado dinamitista, desde que um governo abrindo excepção á cobardia geral, assumiu a responsabilidade de não consentir que essa caterva de bandidos explorasse por mais tempo o medo que avassalou, quasi sem excepções, a sociedade portuguesa.

* * *

O sr. dr. Barbosa Viana interroga-nos:

—E' contra as deportações...

—Neste momento, sou apenas jornalista. Mas todos esses homens são criminosos?

—Pelo menos aqueles, cujos processos até hoje li, são-o absolutamente!

—E' em Africa que devem ser julgados?

—Absolutamente! Visto que com essa especie de criminosos, em geral a prova por convicção é superior á prova material, um tribunal individual, isto é, sem juri, dependente apenas do são criterio dum juiz, corresponde melhor ás necessidades da repressão destes crimes.

—E' essa a sua opinião?

—O crime impropriamente classificado de social é a ultima «étape» da evolução do crime. Ora, se o crime evoluiu, como poderá a sociedade ficar com a mesma lei repressiva, sem acompanhar, nas suas maneiras de repressão, essa evolução?

—Mas isso é viavel?...

—A propria Inglaterra, exemplo da democracia, quando pretendeu reprimir os casos de Ulster, preconisou, como meio de repressão dos casos graves que ali se deram, a pena de Talião. Dente por dente, olho por olho. A cada agente da autoridade morto correspondia um criminso caido.

—Diz-se que alguns individuos deportados estão inocentes?

—Se os houver, eu farei justiça.

—E' de opinião que os restantes individuos acusados de legionarios sejam enviados para a Guiné?

—Sim! Para que com maior brevidade possam todos ser julgados. Aqui havia uma grande dificuldade em conseguir fazer reunir o juri.

—Disse ha pouco que a maioria desses homens era de torados...

—Não tenha duvidas. A audacia desses individuos vem-lhes proveniente de certas doenças de que sofrem, e do receio de irem parar a um catre do hospital, abandonados de tudo e de todos, e por isso não se importavam com a morte, lançando-se em atentados pessoais...

O MISTERIO DO «ARTA»

O MEDICO Roberto Stahn

teria sido morto

por um oficial

a quem roubou a mulher?

Continua envolto em misterio o caso daquele medico alemão—o dr. Roberto Stahn—que, a bordo do paquete «Arta», foi ferido com um tiro, vindo a falecer, dois dias depois, no hospital de S. José, sem ter dado á policia qualquer indicação que lhe permita seguir uma pista.

Pois esta tarde, no *Diario de Lisboa*, recebeu-se sobre o caso uma carta com interessantes révelações, das quais omitimos alguns detalhes, como nomes, etc., porque não podemos, de momento, averiguar se tudo quanto nella se diz tem uma base séria.

Diz a carta, a principio:

Intrigado com o misterio, e aproveitando a circunstancia de, pela minha vida, ter de ir repetidas vezes a bordo de paquetes que fundeiam no Tejo, resolvi pôr o caso a claro. Ainda não tenho nas minhas mãos todos os detalhes, mas julgo ter descoberto o principal e tudo quanto é possivel descobrir sem sair de Portugal.

E conta:

—Numa das cidades onde esteve durante alguns meses, com uma importante industria, o dr. Stahn, chamado para tratar uma senhora, esposa dum oficial do Exercito, em breve passou á maior intimidade com ela. E um dia, quando o marido entrou em casa, viu-a vazia. Largos meses se passaram. Mais tarde, ela fugiu tambem ao dr. Stahn. Mas o marido, que a amava apaixonadamente, louco de dôr, jurou a si mesmo que o medico alemão lhe pagaria cara a ousadia...

Aqui vêm os nomes do casal. Omitimo-los por um compreensivel melindre.

—Ha dias o oficial chegou a Lisboa. Encontrou aqui um compatriota e contou-lhe tudo. Uma noite disse-lhe: «Sei que ele passa amanhã no Tejo. Vem preso. E' pena. Mas não desisto ..»

E a fechar:

—No dia seguinte, já era escuro, o dr. Stahn era ferido a tiro, e dois dias depois expirava, sem dizer o seu segredo. Ele sabia bem quem o ferira. Mas sentia que não era legitimo comprometer aquele a quem roubára a mulher e a felicidade.

Assina a carta *Um detective amador*. Terá o seu signatario desvendado o misterio que traz intrigada toda a gente, desde o consul alemão até aos leitores dos jornais?

IMPRENSA

«A B C»

De numero para numero o «A. B. C.» parece melhorar sensivelmente na sua aprsentação grafica e no esmero da sua colaboração literaria. No numero desta semana, por exemplo, ha artigos que revelam o mais apurado bom gosto e a mais estranha originalidade. Desses, destacamos os seguintes: «Ela... Ela...», por Beatriz Delgado; «Um pintor português que revolucionou a pintura alemã», por Reinaldo Ferreira; «As expressões da tristeza feminina», por Ferreira de Castro; «Guynemer», por Maria de Carvalho; «O que foi vitima dos seus milhões»; «O querido da Rainha»; «Da peruca ao cabelo curto»; O folhetim «A Peregrina do Mundo Novo», etc.

Dr. Magalhães Colaço

Faleceu ante-ontem, em Cintra, o menino João Tello de Magalhães Colaço, filho do ilustre professor da Faculdade de Direito e nosso querido amigo sr. dr. Magalhães Colaço, a quem o *Diario de Lisboa* acompanha sinceramente na sua dôr.

Esquadra de operações

O grupo atacante da esquadra de operações, composta da divisão de cruzadores, idem de canhoneiras e torpedeiros, largaram de Leixões para o mar para continuarem os exercicios.

Antonio Caldeira Pires

Sofreu ontem a operação do pneumo-torax, que decorreu com uma grande felicidade, o nosso distinto colaborador sr. Antonio Caldeira Pires—a quem desejamos rapidas melhoras.

MARIO MONTEIRO
ADVOGADO
COM AGENTES NO BRASIL
Consultas das 10 ás 11 e das 15 ás 17.
R. DOS FANQUEIROS, 114

POPELINES INGLEZAS
Finissimas para roupa de senhora e camisas de homem, imitando seda. 30 % mais baratas que no mercado!
FAZENDAS INGLEZAS
para fato de homem e vestidos de senhora. Mais de 500 padrões. Remessa directa de Inglaterra, em cortes, pelo correio.
Vendas a particulares.
The Anglo-Portuguese Trading C.º Ltd.
Rua do Caes de Santarem, 10, 1.º — Lisboa.
Telefone C. 1845.

Centro Fotografico de Lisboa
LUIS ROSA
233, Rua da Prata, 235
Material fotografico dos melhores fabricantes, aos mais baixos preços do mercado.
Esta casa continua revelando **gratuitamente** todas as peliculas nella compradas.